

AUTOGESTÃO E LÓGICA DE MERCADO: A EXPERIÊNCIA DA COLÔNIA CECÍLIA

SELF-MANAGEMENT AND MARKET LOGIC: THE EXPERIENCE OF COLÔNIA CECÍLIA

Ricardo Roberto BEHR¹
Ana Paula Paes de PAULA²

RESUMO: O objetivo desta pensata é descrever e analisar a implantação e declínio da Colônia Cecília no Brasil tendo em vista o que quanto esta experiência pode nos auxiliar a refletir criticamente sobre a teoria organizacional contemporânea, principalmente no que se refere às práticas autogestionárias e à economia solidária. Para isto foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a história da Colônia Cecília, bem como feita uma visita ao que restou da mesma em Palmeira no Paraná, onde foram gravados os depoimentos de Ewaldo e Eliziane Agotanni, que preservam a tradição anarquista do fabrico artesanal do vinho. A pensata está estruturada da seguinte forma: em primeiro lugar, realizamos uma discussão da implantação da Colônia Cecília e dos princípios anarquistas. Em seguida apresentamos a forma como era tratada a hierarquia entre os colonos e a importância do amor livre na tentativa de romper com qualquer tipo de opressão, bem como as dificuldades enfrentadas na constituição da Colônia. Discutimos então os fatores que desencadearam o declínio e o fim da experiência, apontando o seu legado. Na conclusão fazemos um sumário sobre este experimento anarquista e encaminhamos questões para a reflexão e a crítica das atuais tentativas de organização autogestionária, gerando uma agenda de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: autogestão, autonomia, anarquismo, Colônia Cecília, história

INTRODUÇÃO

A sociedade multicêntrica é um empreendimento intencional. Envolve o planejamento e implementação de um novo tipo de estado, com o poder de formular e por em prática diretrizes distributivas de apoio não apenas objetivos orientados para o mercado, mas também de cenários sociais adequados à atualização pessoal, a relacionamentos de convivência e a atividades comunitárias dos cidadãos. Uma sociedade assim requer também iniciativas partidas dos cidadãos, que estarão saindo da sociedade de mercado sob a sua própria responsabilidade e a seu próprio risco. (GUERREIRO RAMOS, 1981, p. 155)

Com esta afirmação, em *A nova ciência das organizações* Guerreiro Ramos (1981) aponta para a possibilidade da inserção de organizações alternativas, de caráter substantivo, em uma sociedade de mercado, pressupondo a coexistência de duas lógicas distintas de organização da produção e da vida social. A experiência anarquista e autogestionária de Giovanni Rossi (FELICE, 1994) no Paraná, no final do século XIX, parece desmentir a validade desta proposição. As práticas organizacionais realizadas na Colônia Cecília, considerada a mais célebre das colônias utópicas inspiradas no comunismo voluntário e criada por anarquistas italianos (LOLLA, 1999), permitem analisar como se instaurou

¹ Professor Associado do Departamento de Administração e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: ricardo.behr@ufes.br

² Professora Titular do Departamento de Administração e do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (CEPEAD) da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: appp.ufmg@gmail.com

a questão da liberdade, da autonomia e da vida em comum, bem como os motivos que levaram à sua extinção, de modo que podem contribuir para uma crítica das tentativas de organização autogestionárias, hoje tão em voga, como o cooperativismo e outras iniciativas da esfera da economia solidária.

O anarquismo pretendia uma sociedade socialista de autogestão, na qual todo autoritarismo seria substituído por uma sociedade aberta e não alienada. Giovanni Rossi, italiano, veterinário e músico e adepto da linha ideológica anarco-comunista, estava ávido por uma experiência deste tipo. No ano de 1890, aporta no Estado do Paraná, no porto de Paranaguá e em abril implanta em Santa Bárbara, Palmeira, uma colônia agrícola com princípios de organização anarquista, autogestionária (LOLLA, 1999). A implantação da colônia tem como base o romance de Rossi escrito na Itália com o título *Un Comune Socialista*, no qual desenvolve seu projeto utópico de comunidade. A personagem principal do livro era Cecília, que veio emprestar seu nome à colônia anarquista brasileira.

Segundo Souza (1970, p. 39), Giovanni Rossi,

[...] era um idealista prático, cientista que buscava nas árvores, nas flores, nas gramíneas, nos insetos, nos fenômenos naturais, correlações com fatos sociais, sabia impor-se com brandura, aos companheiros, que o acatavam sempre. Não se podia dizer, de Rossi, um realizador dinâmico, mas ninguém o consideraria um teórico inconseqüente. Jamais deixou de pregar: a abolição da propriedade particular, o amor livre, a vida simples, o respeito ao homem, a reformulação do ensino e o gosto pelas artes: música, em particular.

Giovanni Rossi foi duramente criticado por Errico Malatesta³, que segundo Felici (1998) manifesta sua desaprovação em relação à experiência de Rossi em carta publicada em março de 1891, pelo jornal *La Rivendicazione*. Malatesta pede aos anarquistas que lutem contra a imigração, essa válvula de escape que afasta a explosão revolucionária. Diz ainda que “a experiência de Rossi oferece aos oprimidos uma vã esperança de emancipar-se sem precisar fazer a revolução” (FELICI, 1998, p. 11). Não acredita que a experiência possa ter sucesso, nem no plano experimental, nem no econômico e “ordena aos revolucionários que não sigam Rossi se não querem se tornar por sua vez desertores” (FELICI, 1998, p. 11).

De acordo ainda com Felici (1998), Rossi não responde diretamente a essa acusação de deserção feita por Malatesta. Ele diz simplesmente “[...], que a acusação não tem fundamento, uma vez que, não pertencendo a nenhum exército, não reconhecendo

³ Libertário anarquista italiano influenciado por Bakunin. Por causa de suas opiniões políticas esteve exilado por longos períodos em vários países da Europa, na Argentina e nos Estados Unidos. Ao todo passou apenas metade de sua vida no seu país de origem. Durante a primeira guerra mundial ele argumentou vigorosamente que os anarquistas não deveriam se alinhar às forças imperialistas. Em 1919 retornou à Itália, onde fundou o primeiro jornal diário anarquista: *Umanità Nova*. Após a chegada dos fascistas ao poder, Malatesta, mesmo assim, continuou com dificuldades a editar o jornal *Pensiero e Volontà*, até 1926, quando os jornais independentes foram fechados. Malatesta passou os últimos cinco anos de vida em prisão domiciliar.

nem chefe e nem discípulo, os que escolheram a experiência comunitária não podem ser considerados desertores” (FELICI, 1998, p. 11). Assim, inicia-se a primeira organização autogestionária no Brasil, mesmo com a não aprovação dos revolucionários libertários italianos.

Desse modo, o objetivo desta pensata é descrever e analisar a implantação e declínio da Colônia Cecília no Brasil, tendo em vista o quanto esta experiência pode nos auxiliar a refletir criticamente sobre a teoria organizacional contemporânea, principalmente no que se refere às práticas autogestionárias e à economia solidária. Para isto foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a história da Colônia Cecília, bem como uma visita ao que restou da mesma em Palmeira no Paraná, onde foram gravados os depoimentos de Ewaldo Agottani e Eliziane Stadler Agotanni, que preservam a tradição anarquista do fabrico artesanal do vinho. A pensata está estruturada da seguinte forma. Em primeiro lugar, realizamos uma discussão da implantação da Colônia Cecília e dos princípios anarquistas. Em seguida apresentamos a forma como era tratada a hierarquia entre os colonos e a importância do amor livre na tentativa de romper com qualquer tipo de opressão, bem como as dificuldades enfrentadas na constituição da Colônia. Discutimos, então, os fatores que desencadearam o declínio e o fim da experiência, apontando o seu legado. Na conclusão fizemos um sumário sobre este experimento anarquista e encaminhamos questões para a reflexão e a crítica das atuais tentativas de organização autogestionária, gerando uma agenda de pesquisa.

IMPLANTAÇÃO DA COLÔNIA CECÍLIA E DOS PRINCÍPIOS ANARQUISTAS AUTOGESTIONÁRIOS

Os primeiros imigrantes que ocuparam a Colônia eram de diversas profissões: médicos, sapateiros, artesãos e agricultores, em sua maioria jovens que vieram em busca da realização da utopia socialista fugindo da adversidade econômica que enfrentavam na Europa no final do século XIX. Esse grupo seletivo e intelectualizado acreditava que não deveria começar de forma equivocada e, portanto, definiu que a propriedade deveria ser comunal e coletiva. É o que Souza enfatiza nas palavras de Rossi como sendo a primeira condição para o êxito do empreendimento: “Somos todos livres para dispor de nossa vida como quisermos, mas com um mínimo de organização” (SOUZA, 1970, p. 30).

O início foi difícil, mas os ideais anarquistas impulsionaram os colonos que estavam convencidos do triunfo de seu sonho anarquista: eles “entendiam que, para a vitória anarquista, o trabalho teria de ser procedido com muita luta, com superação de erros educacionais e políticos e formulação de poderosa base econômica idealística” (SOUZA, 1970, p. 51). Trabalhou-se, e muito na Colônia Cecília. O fundamental do postulado anárquico realmente foi o trabalho livre, embora exaltassem o amor livre e a vida livre. Os colonos investiam no trabalho, o melhor de suas obras, o melhor de sua força física, o máximo de sua atenção. Cotidianamente, os anarquistas plantaram

mais de oitenta alqueires de chão, na área que lhe foi cedida, construíram uma estrada, em época que inexistiam possantes máquinas ou tratores, muito menos guindastes de transporte de terras para ajudar (SOUZA, 1970).

Já na primeira assembleia decidiram como contribuiriam com o que haviam trazido e como seria a repartição das sobras:

[...] convencionaram a entrega de toda a fortuna à caixa [...]. Na primeira das grandes assembléias que notabilizaram a vida da colônia, estabeleceu-se o postulado da solidariedade cooperativista, em que tudo era de todos, exceto os bens supremos da vida e da liberdade individual não abdicáveis em favor de coisa alguma, devendo tudo servir a todos, a cada um dos indivíduos, isoladamente, numa reciprocidade de deveres e obrigações não constrangedoras, porque fixados espontaneamente. Convencionou-se, então, que só se destacariam importâncias financeiras para a aquisição do essencial à vida. [...]. Deveriam, pois, viver parcimoniosamente, utilizando o mínimo possível de bens materiais não essenciais e poupando-se os gastos supérfluos [...]. Unidos como estavam, nos primeiros meses tudo foi fácil aos anarquistas. [...] A qualquer pretexto, o que era de um, a todos pertencia, sem que sentimentos subalternos maculassem essas relações sociais de companheirismo e fraternidade. O trabalho comum, a alimentação comum, as compras comuns, os debates de ideias sem arrogâncias e provocações, tudo afastava para longe o egoísmo, grupelho, a desavença. [...] (SOUZA, 1970, p. 89).

É possível comparar os princípios da distribuição dos produtos na Colônia Cecília, que se dava de acordo com o que cada um necessitava e não de acordo com o que cada um produzia, com os critérios de distribuição definidos pela tendência anarco-comunista, definidos por Kropotkin (WOODCOCK, 2007, p. 232), que afirma que cada um dos homens poderia retirar livremente dos depósitos gerais o que necessita. O esforço e o trabalho foram tão profícuos no início, que a Colônia rapidamente tomou forma, surgindo o moinho de fubá, os pomares de peras, o vinhedo, bem como os princípios de visão global das despesas, de construção racional dos barracões, de aproveitamento total das árvores da região para evitarem-se gastos externos e de parcimônia em relação ao supérfluo.

HIERARQUIA, DIVISÃO DO TRABALHO E DIFICULDADES

A hierarquia e a divisão do trabalho, por princípio anárquico não existiriam, pois não deveria haver chefe, superior hierárquico ou senhor; porém, os membros da colônia não puderam manter-se afastados das condições existenciais das comunidades próximas e distantes. Com elas interagiram-se os anarquistas, por meio de ligações comerciais devido à necessidade de alimentos e instrumentos de trabalho e à dependência das comunicações que traziam a propaganda anarquista. A Colônia era uma ilha socialista, cercada de organizações capitalistas por todos os lados, portanto, o entorno exigia que no núcleo anarquista houvesse um mínimo de organização.

Rossi considerava a Colônia um sucesso quando afirma que “[...] nenhum pacto, nem verbal, nem escrito, foi ali estabelecido. Nenhum regulamento, nenhum horário, nenhum cargo social, nenhuma delegação de poder, nenhuma regra fixa de vida ou trabalho” (FELICI, 1998, p. 22). Mas, segundo Souza (1970), foi necessário que houvesse uma coordenação informal, uma vez que, num determinado momento devido às exigências de alimentação, porque não frutificara ainda a produção própria da Colônia, foi preciso a compra de trigo, fubá, feijão e carne e o trabalho de alguns anarquistas na construção da estrada com o objetivo de obter algum dinheiro, de forma que o disciplinamento de ações implicou em revisões de conceitos teorizantes de anarquismo.

Outro fato definiu que o núcleo tivesse uma coordenação, pois para relacionar-se com o mundo capitalista seria necessário que uma pessoa fosse responsável pela Colônia, foi um mandado judicial exigindo que o chefe da Colônia se apresentasse à delegacia para explicar atraso de pagamento da dívida colonial. A comunidade anarquista deu este direito à Giovanni Rossi, que a partir daquele momento, passou a representar seus companheiros, buscando ser fiel aos princípios anárquicos, prestando contas e ouvindo a assembleia de anarquistas.

Muitas dificuldades os anarquistas encontraram para implantarem a Colônia Cecília, desde a assimilação da filosofia anarquista e os problemas de adaptação, até a adaptação ao país, ao idioma, e principalmente as dificuldades relacionadas à falta de recursos financeiros e tecnológicos (ferramentas, utensílios e desconhecimentos de técnicas agrícolas), à falta de sementes, à qualidade da terra e ao trabalho árduo. Os colonos ainda enfrentaram doenças, roubo, cobrança de impostos, guerra e desconfiança dos outros imigrantes não anarquistas. Além disso, não deixavam de comparar a vida que levavam com o sucesso de outros imigrantes que se tornaram agricultores empregados em fazendas e trabalhadores de forma geral, principalmente em São Paulo.

Tudo levava os imigrantes, principalmente os jovens solteiros, a refletirem e questionarem os valores libertários, e muitos deles ficaram pouco tempo na Colônia, utilizando-a como uma casa de passagem. Quando conseguiam oportunidades em outras localidades, como Ponta Grossa, Curitiba e São Paulo partiam sem se preocuparem com o destino dos que ficavam. A Colônia durou quatro anos, até abril de 1894, tendo passado por suas terras aproximadamente trezentas pessoas, dentre elas, os componentes da família Gattai. Zélia Gattai, oriunda da família Gattai, uma das famílias anarquistas que passaram pela Colônia Cecília, tendo posteriormente se estabelecido em São Paulo, mais tarde escreveria um romance, no qual descreve a saga da família para sobreviver em São Paulo (GATTAI, 1979).

O AMOR LIVRE E O FIM DA HIERARQUIA

Dentre os vários princípios anarquistas postos em prática na Colônia, o amor livre foi um dos que mais repercutiram na sociedade paranaense da época. Rossi procurou transformar as famílias da Colônia Cecília, de uma estrutura familiar nuclear capitalista, constituída da mulher, marido e filhos, em uma estrutura de família coletiva, na qual todos seriam livres, inclusive para amar. Os filhos desta família coletiva seriam filhos da comunidade, portanto, educados pela comuna.

Para que o princípio do amor livre não ferisse sentimentos, haveria de ser definido. Dizia-se: não há, no anarquismo, barreiras para o amor, a não ser, evidentemente, a vontade de cada um.

Lolla (1999, p. 83) expõe as críticas de Rossi a respeito do casamento burguês.

[...] a autoridade danosa, quando constitui o Estado, é ainda mais danosa na família, seja exercida pelo homem ou pela mulher. Toda autoridade deve ser banida. Assim como não devem existir patrões na ampla vida social, assim também não devem existir entre as paredes domésticas.

De acordo ainda com Lolla (1999, p. 93),

[...] as incisivas recriminações de Cárdias (pseudônimo de Rossi) sobre a vida familiar foram dirigidas à sociedade burguesa, subordinada ao interesse mercantil, consumista, superficial e antagonista ao socialismo. Defendia, repetidamente, a liberdade, sobretudo da mulher, o amor livre, poliândrico [...] vivido na Colônia Cecília.

Na linha anarco-comunista entende-se que a propriedade não existe, assim como não deve existir o Estado centralizado. Os bens são de uso coletivo, não existe patrão e nem a hierarquia. O homem e a mulher são livres e assim como os anarquistas pregam a não existência do patrão, a esposa não poderia ficar subjugada às ordens do marido. Isso só deveria ocorrer em um sistema capitalista, assim sendo, para os anarco-comunistas, a unidade familiar do tipo capitalista teria que ser destruída, já que a vida deveria ser vivida coletivamente, sem a propriedade privada, sem a subjugação ao outro, sem as amarras afetivas.

Defendia-se que a mulher e os homens deveriam praticar o amor livre, de forma que seus filhos fossem filhos da comunidade, o que assemelha muito ao que Engels (1980) discute em *A origem da família, da propriedade e do Estado*. Na Colônia Cecília buscava-se uma comunidade sem religião, sem mentiras e hipocrisias, sem adultérios, sem superioridade masculina, sem a propriedade do corpo do outro. Todos os componentes da colônia anarquista deveriam procurar viver dentro dos valores de liberdade total, isto é, o homem não seria patrão da mulher, não seria seu dono. Todos contribuiriam com

seu trabalho para a subsistência e para a sobrevivência coletiva. Todos poderiam usufruir daquilo que precisassem para viver.

Nas reuniões na *Casa do amor*, que era um pavilhão onde se realizavam todos os encontros coletivos, discutia-se como deveria ser a constituição familiar anarquista. A dificuldade para que o ideal anarquista fosse entendido por todos no que se refere ao amor livre foi também motivo da dissolução da colônia, uma vez que as famílias vieram da Itália já organizadas nos moldes capitalistas, e mesmo sendo anarquistas, se constrangiam e resistiam em aceitar esse ideal. Além disso, as mulheres solteiras eram poucas, e as famílias relutavam em liberar suas filhas para a prática do amor livre, portanto, para as próprias famílias a situação era constrangedora e ainda havia a questão do ciúme, comportamento subjetivo, muito difícil de ser superado pelo ser humano. É certo então que a filosofia anarquista não era entendida da mesma forma por todos os imigrantes anarquistas e nem todos componentes da Colônia eram realmente da linha anarco-comunista.

Diante dos entendimentos diferenciados a respeito do amor livre, Giovanni Rossi, com sua maneira peculiar de ser, aceitava e entendia que cada família tivesse seu pensamento, que tomassem livremente suas decisões, afinal de contas eram anarquistas e por isso deveriam ser livres. Rossi não contestava, apenas procurava demonstrar sua crença nos ideais anarquistas com exemplos, explicando o amor livre especificamente por sua atitude pessoal e também por meio dos depoimentos dos que participavam dos relacionamentos amorosos deste tipo.

O princípio anarquista do amor livre nunca foi aceito pelos colonos de outras origens, bem como, pela sociedade paranaense. Tanto é verdade, que a Colônia Polonesa mais próxima evitava o contato além das questões comerciais com os vizinhos anarquistas, pois não aceitavam o princípio do amor livre, que pregava a destruição do núcleo familiar, assim como, não entendiam a não existência de crença em Deus. A sociedade conservadora paranaense, extremamente católica e republicana, via o relacionamento livre como sendo uma prática de libertinagem.

O que podemos entender numa perspectiva organizacional sobre a obstinação de Rossi, com a teoria do amor livre, é que

Rossi alertava para o perigo das relações de poder. Que pode se espalhar por toda a estrutura social, a luta contra o poder disciplinar indevido, a obediência cega e errônea de falácias no corpo social, a omissão como produto das relações múltiplas de poder e sua força sobre a consciência entorpecida. (LOLLA, 1999, p. 134).

Na sua visão, o casamento e a família na forma capitalista, tolhem a liberdade e tornam a mulher e os filhos, subordinados ao marido e ao pai. Estas relações de poder são idênticas às relações na empresa na quais existe a hierarquia e a figura do chefe, que

é pai da horda, a quem todos devem obediência. Essa estrutura seria responsável pela reprodução do modelo hierárquico e inviabilizaria a verdadeira liberdade e autonomia das pessoas.

INÍCIO DO DECLÍNIO DA COLÔNIA: A COBRANÇA DE IMPOSTOS, A POSSE DA TERRA E O CEMITÉRIO DOS RENEGADOS

Com a implantação do regime republicano, as novas autoridades constituídas passaram a cobrar impostos e também a suposta dívida colonial dos imigrantes. Dentre os supostos devedores, encontravam-se os anarquistas da Colônia Cecília. Souza (1970, p. 57), descreve como se deu a cobrança.

Em plena fase de formação de núcleos, muitos chefes de colônias não sabiam falar português. Foram incitados a pagar a dívida colonial, por arbítrio das autoridades, dívidas que não se justificavam, por vivendas feitas por colonos, com esforço, suor, trabalho de toda a família. Muitos colonos de diversos núcleos, inclusive da colônia Cecília abandonaram as terras, por não concordarem com esta cobrança, fruto de uma política imigratória cheia de erros, forjada no império e com continuidade no período republicano.

Ao serem intimados a pagarem a dívida colonial⁴, os anarquistas “[...] como de costume, na análise dos problemas comuns, logo se reuniram para debater a questão. Deveria Rossi ir? E por que Rossi? Ninguém viera sob comando, haveria um comando de fato?” (SOUZA, 1970, p. 57). Além da dívida cobrada indevidamente, segundo o entendimento dos anarquistas, a situação os levava a discutir a questão da hierarquia, do comando, pois se não havia chefe no anarquismo, quem deveria representá-los perante as autoridades? Por fim, aceitaram que Rossi os representasse, uma vez que era ele o mentor intelectual da experiência que todos viviam.

Rossi, de volta do encontro com as autoridades, em assembleia transmitiu aos companheiros algumas explicações sobre a dívida colonial e o que determinavam as autoridades.

Exacerbados pela notícia, os colonos individual e coletivamente comportaram-se com paixão, independência e dignidade, cada um deles expondo seu modo de ver a questão, os exaltados a gritar contra a burguesia exploradora, a força de lutas de classes a exigir reparos, na arregimentação de colonos não só da Cecília, mas de outros lugares, os corajosos menos dogmáticos a entender que não deveriam pagar. Os mais prudentes, grupo predominante, a imaginar soluções conciliatórias. Todos, indiscriminadamente a protestarem contra a excessiva tributação, anulatória de seu trabalho e confiscatória de seus bens, se não pagassem. Ninguém silenciou, nessa assembleia, por medo ou coação. Foi de todas, a mais livre, mais demorada, mais agitada. Livres, anarquistas, obedientes cada um de per si às próprias convicções pessoais, deram vazão aos seus sentimentos. [...]. Por fim, prevaleceu o entendimento de que pagariam a dívida, se obtivessem rendimento das colheitas. Caso contrário abandonariam a terra. (SOUZA, 1970, p. 59).

⁴ Dívida colonial era o pagamento que precisa ser feito para que a propriedade provisória se tornasse efetiva.

Após as explicações de Rossi e as discussões demoradas em assembleias, tiveram que repensar seus valores e princípios anarquistas. Após decidirem por pagar a dívida, caso tivessem excedente, necessitavam medir as terras e cercá-las para que não fossem ocupadas por colonos não anarquistas.

Então pela primeira vez em conjunto, pensaram seriamente em propriedade, em medi-la e estabelecer divisas naturais, menos com interesse egoístico de possuí-la, do que para firmá-la contra quem dela queira servi-se, em nome do novo regime político dominante (SOUZA, 1970, p. 59).

Mesmo sendo decisão da assembleia pagar a dívida com os recursos conseguidos tão arduamente com o esforço de todos, alguns colonos abandonaram a Colônia e seguiram em busca de outras oportunidades em outras plagas.

Outro problema que contribuiu para a dissolução da Colônia foi uma doença. O crupe, terrível para a época, dizimou muitas vidas na Colônia, principalmente de crianças, de modo que alguns anarquistas, com medo da doença, partiram para outros lugares. Souza (1970), diz que o crupe marcou várias famílias e inclusive ceifou a vida de duas filhas de Giovanni Rossi. O crupe abalou a estrutura dos espíritos e deu início à crise. Como se não bastasse, alguns párocos proibiram o enterro das vítimas anarquistas no cemitério católico, pois principalmente os colonos poloneses não aceitavam que os mortos anarquistas fossem enterrados no campo santo. Por não acreditarem em Deus, não poderiam ser enterrados ao lado dos crentes. Os anarquistas improvisaram um cemitério que ficou conhecido como o cemitério dos renegados. Eliziane Agottani (2007), em entrevista, nos contou o que ouviu de seus antepassados.

Eles não concordavam até com o sentido da religião, tanto é, que foi feito um cemitério, um cemitério dos renegados, os italianos que morreram na Colônia foram enterrados neste cemitério, pois a igreja não aceitava que fosse no outro. Eles tinham essa desavença, agora está tudo tranqüilo, a gente tem bom relacionamento com os poloneses.

O FIM DA COLÔNIA CECÍLIA: O ROUBO DA PRODUÇÃO E DO CAIXA COLETIVO E A GUERRA

O maior problema e possivelmente o fato que mais contribuiu para a dissolução da Colônia Cecília foi a traição de um membro da Colônia, de origem ítalo-espanhola, José Garrido, que se integrou a ela. Por ter reconhecida competência comercial, ele ficou encarregado pelos anarquistas de fazer as transações comerciais junto à cidade, vendendo a produção e sendo o responsável pela compra de utensílios, mantimentos, correio e por tudo que tivesse que ser feito por meio de contatos com outras pessoas de fora da colônia, principalmente comerciantes. José Garrida ganhou a confiança dos anarquistas, pois falava nas conversas na *Casa do amor*, que era um libertário e que comungava dos princípios anarquistas, enfatizando suas participações em protestos e em lutas libertárias. Não ajudava nas lides da Colônia, mas era hábil nas transações comerciais. Souza (1970)

explica que um dos problemas que colaborou para o encerramento da Colônia foi o fato de José Garrido ter desaparecido com todo o dinheiro referente ao estoque de milho (safra) vendido na cidade, juntamente com o dinheiro da caixa coletiva: “[...] a caixa da Colônia era colocada sobre uma porta e dela se utilizavam os colonos para compra de utensílios e gêneros necessários. Um belo dia o gatuno [...] bateu as asas levando os fundos da comunhão” (SOUZA, 1970, p. 41).

José Garrido, com seu ato, traiu a confiança dos anarquistas e seus princípios. Sua atitude determinou o fim da Colônia, o que Souza (1970, p. 121) confirma:

O furto representou a mais ponderável parcela na somatória de crises que a Colônia passou, porque violentou a ordem anárquica dominante. [...]. A realidade dos celeiros vazios, dos meses pela frente a exigir trabalho, poupança, sacrifícios, tudo derrotava os colonos. [...] Acenos de trabalhos em outras comunidades, oferecimentos de vantagens materiais em cidades servidas de luz, água, diversões, provocavam negativas aos convites para que recomeçassem tudo.

A Guerra⁵ entre federalistas e legalistas contribuiu também para a dissolução da Colônia. As majorias dos homens jovens da colônia tiveram que tomar partido e alistaram-se nas fileiras federalistas, mesmo não tendo afinidade ideológica com qualquer um dos lados: isto ocorreu devido às agressões que sofreram por parte de soldados legalistas que invadiram a Colônia à procura de um líder federalista. Segundo Souza (1970), as tropas legalistas procuravam por Emílio Sigwalt, que era chefe da oposição ao legalismo. Os anarquistas silenciaram e como represália os soldados inutilizaram o moinho de fubá, jogaram no riacho das pedras o milho encontrado e requisitaram os instrumentos de trabalho, os animais e as sementes. Com sua comunidade destruída, os anarquistas alistaram-se contra os legalistas e a Colônia desorganizou-se socialmente.

Tudo contribuía para que Rossi e seus companheiros decidissem pelo final da Colônia: pouca experiência na lavoura, pouco dinheiro, as doenças, a guerra, os impostos, o roubo e a propaganda sobre o sucesso de outros imigrantes em outras cidades. Souza (1970, p. 135), afirma:

Cada dia era fato novo a denunciar a anormalidade na estratificação comunitária. A ausência de um anarquista ao serviço, porque decidira mudar-se de véspera, a devolução de cartas de companheiros que partiram sem deixar endereço, a falta de recursos financeiros para aquisição de sementes, a apatia pela discussão de problemas comuns em assembleias como fizeram os três anos anteriores, em 90, 91 e 92, tudo estava a positivar o declínio da Colônia. [...] Rossi refletia: doença, furto da produção, tropelias revolucionárias, deslocções de famílias para as cidades. Os espíritos estavam despreparados para uma retomada de trabalho [...]. Todos compreendiam Rossi. Sentiam que os alicerces de sua confiança na existência de uma comunidade anárquica,

⁵ A Revolução Federalista ocorreu no sul do Brasil logo após a Proclamação da República, e teve como causa a instabilidade política gerada pelos federalistas, que pretendiam “libertar o Rio Grande do Sul da tirania de Júlio Prates de Castilhos”, então presidente do Estado. Empenharam-se em disputas sangrentas que acabaram por desencadear uma guerra civil, que durou de fevereiro de 1893 a agosto de 1895, e que foi vencida pelos pica-paus, seguidores de Júlio de Castilhos. A divergência teve início com atritos ocorridos entre aqueles que procuravam a autonomia estadual frente ao poder federal e seus opositores. A luta armada atingiu as regiões compreendidas entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

com homens amadurecidos para uma forma cooperativista de vida, foram sacudidos e o desorientaram.

É possível que a Colônia pudesse ter vida longa, mas as diversas situações desgastantes acontecidas em curto período de tempo desestimularam os anarquistas a continuarem sua luta pela realização da utopia:

A maioria dos colonos italianos trabalhou, quem sabe, no afã de uma visão ingênua, porque imediatista, na esperança de alterações fundamentais no bem-estar de suas vidas. Pelas condições precárias de sua instalação, a colônia não atingiu um lustro. Sua falência deveu-se a inúmeros fatores explícitos por muitos autores [...]. Não se pode deixar de frisar as inconciliáveis divergências ocorridas pela heterogeneidade profissional dos seus componentes, destituídos do mesmo grau de ideias anárquicas (LOLLA, 1999, p. 66).

Para Souza (1970, p. 183) se não fossem estas adversidades, outra teria sido a história do núcleo colonial anarquista:

A Colônia Cecília não foi um fracasso [...]. Não importa que muitos fins da Colônia Cecília deixassem de ser alcançados. As lutas sociais, por sua natureza dinâmica, sacrificam, por vezes, florações comunitárias. Vale a Colônia Cecília, menos por si, do que pelas intenções e lutas de seus componentes, aliando-se a outros trabalhadores, no processo de criação de meios à justiça social. Seu fim, não foi a acomodação de uma cidade gregária, difícil de consolidar-se sozinha, na interação social que necessariamente teria que fazer, com outras comunidades brasileiras. O permanente estímulo de seus membros para os debates, para as lutas, à dignificação do trabalho, da solidariedade e da paz, levou-os a dispersarem-se do primitivo núcleo.

A experiência de Giovanni Rossi, materialmente, não atingiu tudo o que se preconizava para este grupo social anarquista, devido não só ao pouco tempo que seus membros tiveram para consolidar valores, mas às adversidades que tiveram que enfrentar, principalmente ao roubo realizado por um membro não oriundo do grupo original e não convicto da ideologia anarquista, que com seu ato inviabilizou a sobrevivência de todos. No entanto, as ideias anarquistas, experimentadas na Colônia ecoaram por todo o Paraná e contribuíram para as lutas operárias contra a exploração capitalista. A experiência social confirmou para Giovanni Rossi a premissa de que uma vida sem autoritarismo, sem chefe e sem patrão e, portanto, solidária e capaz de realizar o ser humano, é possível.

Nas palavras de Rossi:

Para mim, que participei da Colônia, ela não foi um fiasco. Ela se propunha um objetivo de caráter experimental: ver se os homens de hoje são aptos a viver sem leis e sem propriedade privada. [...] A Colônia Cecília mostrou que uma centena de pessoas em condições econômicas muito desfavoráveis, tinha podido viver [...] com pequenos contrastes e com recíproca satisfação, sem leis, sem regulamentos, sem chefes e sem códigos, em uma propriedade coletiva, trabalhando espontaneamente em comum. [...]. Nós a dissolvemos porque não havia os meios necessários

para desenvolvê-la e também porque se estava cansado daquela solidão. Para nós o experimento tinha sido feito e isso bastava (FELICI, 1998, p. 38).

A SEMENTE PLANTADA PELOS ANARQUISTAS

A passagem dos anarquistas pela Colônia Cecília deixou marcas profundas na vida política e na discussão das relações de trabalho no Paraná. As organizações libertárias de trabalhadores foram os embriões de organizações sindicalistas do Paraná no início do século XX, fundadas por anarquistas, que após a dissolução da Colônia se estabeleceram em Curitiba e Ponta Grossa (CARDOSO; ARAÚJO, 1986). O sindicato dos Sapateiros foi um dos que precederam as diversas organizações de trabalhadores no Estado e esses sindicatos deram o tom nas discussões trabalhistas já no fim do século XIX e até hoje as discussões e os escritos nos jornais operários do século XIX e XX contribuem para manter acesa a chama da luta política dos trabalhadores no Paraná (CARDOSO; ARAÚJO, 1992).

Alguns anarquistas tomaram outros rumos e seus descendentes tornaram-se empresários, como, por exemplo, os Cini, proprietários de tradicional fábrica de refrigerantes em Curitiba, e os Todeschini, hoje proprietários das terras onde foi instalada a Colônia Cecília. Essas famílias tornaram-se tradicionais na Cidade de Curitiba. Outras famílias permaneceram em Palmeira e perpetuaram seus princípios e modo de viver. Em outubro de 2007 na localidade de Santa Bárbara os descendentes da família anarquista Agottani, neto e bisneta de Tranqüilo Agottani, o Sr. Ewaldo Agottani e sua filha Eliziane Stadler Agottani, nos deram depoimentos que confirmam a tradição anarquista, pois o vinho ainda é fabricado na chácara dos Agottani da mesma maneira que seus antepassados produziam, de forma artesanal.

Souza (1970) afirma que a família Agottani foi uma das responsáveis pelos vinhedos e consequente produção de vinho, bebida principal na vida dos anarquistas italianos, pois esta família detinha a tecnologia de fabricação da bebida. A tradição e os princípios anarquistas, principalmente o espírito de liberdade, ainda paira na forma de viver dos descendentes dos anarquistas neste início do século XXI como nos diz taxativamente Eliziane Agottani (2007) em seu depoimento:

[...] o ambiente aqui na vinícola é familiar, aqui a gente trabalha assim, posso até dizer que ficou aquele espírito anarquista, de liberdade, de fazer as coisas do nosso jeito [...]. posso confirmar para você, o meu pai é assim e o meu avô era muito assim, sabe, e acredito que meu bisavô também, eu não cheguei a conhecê-lo, mais o meu avô fazia a coisa do jeito dele, não era muito de obedecer, sabe, o que os outros mandam, quero fazer do meu jeito, era mais ou menos assim. Também não dá para deixar virar bagunça, achar que pode tudo, mas acredito que precisa de uma coordenação, uma organização. Aqui a gente trabalha em família, a gente trabalha do nosso jeito, temos o nosso próprio ritmo de trabalho, a gente foi criando aos poucos o nosso modelo e um exemplo é fazer o vinho artesanal, é um jeito que vem do meu bisavô, e do meu avô. E nem o meu pai e nem eu, pretendemos mudar, industrializar, isso não passa pela nossa cabeça, esse modo de fazer o vinho artesanal que é pisar com o pé ainda.

CONCLUSÃO

A primeira experiência anarquista autogestionária no Brasil foi se considerarmos critérios organizacionais, uma experiência real de autogestão, isto porque a autoridade não existia, pois não havia hierarquia e as decisões eram todas tomadas pelo coletivo que se reunia a cada vez que se necessitava tomar decisões a respeito de qualquer situação que fosse influenciar a vida de todos na Colônia. Nas reuniões na “Casa do amor” era dado a todos o conhecimento do que se passava, não só na Colônia, mas nas redondezas, como também no mundo, pois os anarquistas da Colônia Cecília recebiam correspondências e jornais da Itália, além das notícias sobre a vida libertária que eram trazidas por aqueles que iam chegando.

Normas escritas não existiam e as regras eram definidas em reuniões das quais todos participavam. Quase todos anarquistas acatavam as normas decididas em conjunto, tanto, que já na primeira assembleia ficou decidido, conforme Souza (1970), que toda a fortuna seria entregue ao caixa coletivo. Também se estabeleceu a solidariedade cooperativista, em que tudo era de todos, exceto os bens supremos da vida e da liberdade individual não abdicáveis em favor de coisa alguma, devendo tudo servir a todos e a cada um dos indivíduos.

Convencionou-se, então, que só se destacariam importâncias financeiras para a aquisição do essencial à vida. Deveriam, pois, viver parcimoniosamente, utilizando o mínimo possível de bens materiais não essenciais e poupando-se os gastos supérfluos. A qualquer pretexto, o que era de um, a todos pertencia, sem que sentimentos subalternos maculassem essas relações sociais de companheirismo e fraternidade, que procuravam afastar a arrogância, as provocações e a desavença.

O controle social era exercido de certa forma pela discussão dos valores anarquistas, o que fazia parte da educação, mas como eram anarquistas e a liberdade individual estava acima de qualquer coisa, ninguém era obrigado a nada, de forma que as pessoas decidiam ir embora da Colônia a qualquer momento. Havia até aquele que não trabalhava, porque era anarquista e ninguém o obrigava a nada, pois não tinha patrão e nem chefe. As relações sociais eram totalmente informais e a forma de recrutamento das pessoas e famílias para que fizessem parte da colônia era feita via propaganda nas conferências que Rossi fazia quando estava na Itália. Havia habitações coletivas e outras para as famílias, mas todos podiam viver, se quisessem, nos pavilhões coletivos. O amor livre era possível entre os anarquistas e realmente aconteceu entre alguns componentes da Colônia.

A estratificação social surgiu quando houve a necessidade de se definir quem responderia pela Colônia, principalmente no caso da cobrança de impostos, quando foi necessário que alguém da Colônia a representasse junto às autoridades governamentais. No que podemos considerar, a diferenciação do trabalho aconteceu já no início, uma vez que nem todos eram dados as lides agrícolas. Como havia pessoas de diversas profissões

foi necessário distribuir as tarefas de acordo com o que cada um sabia fazer, portanto, carpinteiros foram trabalhar na construção de casas; sapateiros em seus ofícios, para que todos pudessem ter um calçado; agricultores, nas plantações de uva, milho e na lida com os animais e construtores, na construção da barragem e do moinho.

Muitas foram as causas do fim da Colônia, entre elas a doença, a cobrança de impostos pelo governo republicano, a guerra federalista que levou parte da força jovem, a falta de mulheres que restringiu a prática do amor livre, a traição moral com o roubo realizado por José Garrida de todo o dinheiro resultante da venda da colheita de milho. Havia ainda a sedução exercida pelas cidades maiores como Curitiba e São Paulo, além de outras dificuldades, como a falta de qualidade da terra, a falta de sementes e a questão ideológica que não era entendida por todos da mesma forma.

Para a teoria organizacional o estudo da experiência autogestionária da Colônia Cecília pode contribuir oferecendo os subsídios e as características de uma real organização igualitária, que leve em consideração a autonomia, a liberdade das pessoas e a plena realização dos seres humanos, razão pela qual, com base nos princípios organizacionais anárquicos e autogestionários exercidos na Colônia Cecília, é possível realizar a análise de organizações contemporâneas que se colocam como sendo de autogestão, participativas e de economia solidária.

Por outro lado, as razões para o seu declínio e extinção nos possibilitam levantar as seguintes questões, que podem orientar uma agenda de pesquisa sobre as formas alternativas aos modelos hegemônicos de gestão:

- como preservar os princípios autogestionários de um empreendimento organizacional alternativo incrustado em uma sociedade na qual o modo de produção predominante é capitalista?
- a convivência entre as formas autônomas e heterônomas de gestão e entre a economia convencional e a economia solidária é realmente possível? É viável a inserção de organizações de caráter substantivo em uma economia de mercado, como sugere Guerreiro Ramos (1981)?
- o princípio cooperativista da educação para a solidariedade é frequentemente citado como fundamental para a preservação dos princípios autogestionários. Como garantir que esta educação permanente ocorra em organizações cooperativas que têm dificuldade para sobreviver e em organizações cooperativas que crescem e passam utilizar todo o tempo dos cooperados nas atividades de produção?
- em um contexto fortemente marcado pela lógica de mercado, as iniciativas de economia solidária realmente representam a possibilidade de um aprendizado de uma lógica solidária, ou são apenas experiências marginais que se distanciam da possibilidade de alterar a ordem vigente?

- é válida uma revolução molecular e progressiva nos modos de produção e nos valores sociais, ou somente uma transformação radical é capaz de inserir a solidariedade na vida social?
- como as teorias anarquistas, marxianas e marxistas podem nos ajudar a refletir e transformar atuais experiências de autogestão e economia solidária? Como elas podem contribuir para a elaboração de uma teoria organizacional alternativa à teoria organizacional convencional?

BEHR, Ricardo Roberto; PAULA, Ana Paula Paes. Self-management and market logic: the experience of Colônia Cecília. *ORG & DEMO* (Marília), v. 15, n. 2, p. 9-24, Jul./Dez., 2014.

ABSTRACT: The main goal of this article is to describe and analyze the implementation and decline of Colonia Cecilia in Brazil keeping in mind how much this experiment can help us to critically reflect about contemporary organizational theory, especially, in reference to self-management and solidarity economy. A bibliographical research was done regarding the history of Colonia Cecilia, as well as a visit to what was left of Palmeira in Parana where it was recorded an interview with Ewaldo and Eliziani Agotanni who preserved the traditional anarchist way of handcrafted wine making. The article is structured as follows: first, we had a discussion about the implementation of Colonia Cecilia and of its anarchists principles. Then, we presented how the hierarchy was treated among the colonial people and the importance of free love as an attempt to break any type of oppression as well as the difficulties dealt with by the Constitution of the Colony. We discussed the factors which helped in the decline and the end of the experience, indicating its legacy. In the conclusion, there is a summary about the anarchist experiment and we brought up questions for reflection and a review of the recent attempts to the self-management organization, generating a research schedule.

KEYWORDS: self-management, autonomy, anarchism, Colônia Cecília, history.

REFERÊNCIAS

- AGOTTANI, E. S. **Depoimento:** prestado na localidade de Santa Bárbara de Baixo, Palmeira, 08 outubro de 2007.
- CARDOSO, A. M. L.; ARAÚJO, S. **1º de maio:** cem anos de solidariedade e luta. Curitiba: Beija-Flor, 1986.
- _____. **Jornalismo e militância operária.** Curitiba: Editora da UFPR, 1992.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade e do Estado.** Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- FELICI, I. **Les Italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil - 1890-1929.** Tese de Doutorado. Université de La Sorbonne Nouvelle Paris III, Paris, 1994.
- _____. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. **Cadernos AEL.** v. 8, n. 9, p. 9-61, 1998.
- GATTAL, Z. **Anarquistas graças a Deus.** Rio de Janeiro: Record, 1979.
- LOLLA, B. P. **Reflexões sobre uma utopia de século XIX.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1999.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora FVG, 1981.

SOUZA, N. S. **O anarquismo da Colônia Cecília**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

WOODCOCK, G. **Histórias das idéias e movimentos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Submetido em: 24-09-2014

Aprovado em: 20-10-2014